

1.A HISTÓRIA DAS MULHERES

Esse capítulo apresenta trechos da história das mulheres através do tempo, história essa contada por vários olhares. com intuito de fundamentar os próximos capítulos e a conclusão em si. Contextualiza a mulher como um todo no espaço global, e mais especificamente a mulher brasileira, todas sintetizadas em suas lutas, conquistas, e sua inserção no mercado de trabalho.

1.1 As mulheres e seu contexto histórico

A história das mulheres tem várias vertentes e visões, mas vindo de um modo geral ela não se resume apenas à opressão a que eram e ainda são submetidas, mas diz respeito às lutas e resistência que realizaram para desconstruir os preconceitos e as discriminações sofridas.

Segundo Tavassi, de Rê, Barroso e Marques (2021) Na Antiguidade (4000 a.C – 476 d.C), em sociedades como a egípcia, as mulheres não tinham acesso à escrita. Isso significa que as mulheres eram marginalizadas do processo de documentação e produção de conhecimento. Uma das principais funções sociais das mulheres no Egito antigo era a constituição da família, sendo que elas eram, muitas vezes, vendidas sem direito de escolha, para que casamentos fossem formados.

Para Tavassi et al (2021) a situação e o status das mulheres gregas antigas não era muito diferente. Elas não podiam participar de debates sociais, políticos e públicos, não podiam obter educação quando crianças e seu trabalho estava concentrado em um ambiente familiar. Além disso, dependendo de suas condições econômicas e sociais, a escravidão (como no caso da maioria dos imigrantes) e/ou prostituição eram comuns.

“Já na Europa, durante a Idade Média (476 – 1453) as mulheres começaram a exercer outros papéis dentro da sociedade. Além dos afazeres domésticos e do artesanato, que não envolvia apenas a confecção de tecidos, mas a fabricação de cosméticos, pentes e artigos de luxo, as mulheres da nobreza também administravam propriedades como senhoras feudais. Na França, entre 1152 e 1284, na região de Champagne, estima-se que dos 279 possuidores de terras, 58 eram mulheres. O número pode não ser expressivo, mas até então em grande parte das sociedades medievais as mulheres não podiam ter o domínio de uma propriedade.” (TAVASSI et al, 2021)

Mesmo assim, do ponto de vista jurídico, tudo o que as mulheres possuíam, acontecia com a permissão dos homens, pois as mulheres não tinham direitos políticos e dependiam dos homens para participar das decisões da sociedade.

Baseado nas palavras de Tavassi, de Rê, Barroso e Marques (2021) o período medieval na Europa também foi marcado pela grande influência e poder da Igreja Católica na sociedade. Como resultado, interpretações diferentes daquelas determinadas pela igreja foram consideradas hereges e inaceitáveis. As mulheres sofreram muitas perseguições por causa desse movimento, que ficou conhecido como "Inquisição".

Nesse momento os direitos das mulheres não eram discutidos, eram totalmente negligenciados, uma mulher ter opinião e vontades era totalmente sem sentido e desrespeitoso aos homens, ou seja, seu valor como ser humano era quase que inexistente. Mulheres serviam única e exclusivamente para servir os anseios de homens.

Quando citamos todas as informações acima temos um parâmetro mundial, porém fazendo um recorte no Brasil por exemplo na época do Brasil Colônia (1500-1822), apenas uma pequena parcela da sociedade possuía direitos e deveres e mesmo as mulheres livres eram marginalizadas de todo o processo político e econômico da sociedade. (TAVASSI et al, 2021)

A escravidão se fazia presente durante esse período e as mulheres brancas eram tratadas de forma diferente das mulheres negras. Ambas eram dominadas pelo homem, que centralizava o poder para si, mas enquanto as mulheres brancas apenas estavam destinadas ao trabalho doméstico e familiar e a obedecer aos seus pais e maridos, as mulheres negras serviam ainda de mão de obra escrava nos campos e lavouras. (TAVASSI et al, 2021)

1.2 O impacto social/político dos direitos das mulheres na sociedade e a relação dos feminismos

Para a historiadora Louise A. Tilly (1994, p. 31):

“um aspecto da história das mulheres que a distingue particularmente das outras é o fato de ter sido uma história a um movimento social: por um longo período, ela foi escrita a partir de convicções feministas. Certamente toda história é herdeira de um contexto político, mas relativamente poucas histórias têm uma ligação tão forte com um programa de transformação e de ação como a história das mulheres. Quer as historiadoras tenham sido ou não membros de organizações feministas ou de grupos de conscientização, quer elas se definissem

ou não como feministas, seus trabalhos não foram menos marcados pelo movimento feminista de 1970 e 1980.”

A palavra feminismos e o peso que ela carrega teve e tem um grande papel de mudança na vida das mulheres. Primeiro precisamos deixar claro o uso da palavra feminismos e não feminismo. A produção acerca desse assunto possui diversas vertentes e visões. É impossível e equivoco definir um feminismo apenas que contemple todas as ideias de mulheres de forma igual, todas temos vidas, histórias e demandas diferentes, sendo assim, carecemos pensar nessas condições de forma variada e ao mesmo tempo específica em cada necessidade que satisfaça a todos os pleitos e não em uma categoria que tenta englobar todas as problemáticas feministas. (BURIGO, 2020)

Os marcos iniciais dos feminismos vieram bem antes da palavra em si existir, como por exemplo por meio da escritora e filósofa inglesa Mary Wollstonecraft, que escreve o livro considerado o primeiro registro filosófico a respeito da condição das mulheres do mundo, chamado: “A reivindicação dos direitos das mulheres”, o tema é basicamente uma prerrogativa feminista muito comum que consiste na “ideia radical de que mulheres são gente” frase escrita pela jornalista Marie Shear em 1986 mas é a ideia que a Mary Wollstonecraft já discutia lá em 1792 na Inglaterra, criando então um marco epistemológico. (BURIGO, 2020)

No Brasil, em 1970, uns dos primeiros registros históricos feministas veio por meio de Esperança Garcia, escrava e negra, mulher que viveu na mesma época mas totalmente o oposto da vida de Mary Wollstonecraft, e que na sua realidade e da sua maneira se incluiu então na lista de mulheres demandando os seus próprios direitos, sua reivindicação então se deu por meio de uma carta denunciando os abusos que ela e sua família passavam e pedindo uma intervenção da autoridade da região, que carrega um peso tremendo, levando em consideração que na época uma mulher negra e escrava não era nem considerado um ser humano. (BURIGO, 2020)

A historiógrafa Joan Kelly percebeu comportamentos e traços de ativismo de mulheres que datam desde a era medieval, - registros de 1400, 1500 de falas como: “o feminino é uma construção social” - então é sim lógico se acreditar que desde os primórdios as mulheres veem, nem que em pequenos gestos e atitudes, lutando pelos seus direitos mesmo que, naquele momento não existisse um movimento que as designassem como feministas, hoje podemos considera-las sim parte desse grupo pelo

simples fato de reivindicarem seus direitos como mulheres e seres humanos pensantes. (BURIGO, 2020)

Como Barbara Smith assinala em 1979, “o feminismo é a teoria e prática política de libertação de todas as mulheres [...] qualquer coisa menos do que isso, não é feminismo, mas sim mulheres se auto engrandecendo”, quando falamos em um mundo com disputa de poderes é muito fácil se deixar levar pela ideia de que o femismo é uma disputa de poder pra ver quem está no topo, e não é isso que os projetos feministas visam, mas sim a equidade dos gêneros. (BURIGO, 2020)

Historicamente o movimento feminista foi dividido em 3 ondas feministas – mas sabemos que o trabalho e a luta vieram bem antes de se definir como “*feminismo*”, portanto a ideia “*onda*” vem de uma percepção externa ao mundo feminino, porque as feministas nunca pararam de produzir. A primeira onda (datada do fim do século XIX até meados do século XX) ficou marcada pelo voto feminino. No século XIX vimos nascer o socialismo, o questionamento da ideia de lucro a todo custo, a luta por direitos dos operários, a luta por participação política, mas nada disso, naturalmente, incluía as mulheres. As primeiras reivindicações feministas foram, então, por esses direitos que, à época, eram os considerados básicos: o voto, a participação política e na vida pública. As mulheres da primeira onda questionavam a imposição de papéis submissos e passivos às mulheres, e ficaram então denominadas como “*suffragettes*” em forma de piada por homens machistas e então as feministas ressignificam ela usando criando seu jornal e meios de informação chamado “As Suffragettes”.

Ainda na primeira onda, ressalto a feminista negra Sojourner Truth, que lutou por algo ainda mais básico: a abolição da escravidão. Como sabemos das várias vertentes que a luta feminista tem, obviamente haveriam divergências, como por exemplo, as mulheres negras não serem incluídas nos debates nas duas primeiras ondas. As mulheres brancas estadunidenses reagiram contra o movimento abolicionista, alegando, basicamente, que o ganho da liberdade por parte dos homens negros resultaria em perda de direito para elas, mulheres brancas. Então basicamente percebemos que as mulheres brancas eram excluídas pelos homens em suas discussões e decidiram criar suas próprias discussões, e da mesma maneira excluíram as mulheres negras do debate. Então Sojourner Truth em uma dessas convenções toma sua voz como escrava alforriada e mulher que merece ser ouvida. Ela entendeu que nenhum dos assuntos discutidos ali a contemplava, pois eram muito banais para sua vivência forte e triste na escravidão, ela então, em seu discurso, toma uma frase que

viria a ser seu grito por mudanças “E eu não sou mulher?”, questionando se como ela nunca havia passado pela situação retratada pela maioria das mulheres presentes ela não era considerada então mulher.

Nessa mesma época no Brasil, as mulheres brasileiras se movimentam de forma semelhante, obviamente em contextos e intensidades diferentes, pois é necessário levar em consideração a situação política que o país se encontrava, muito distante da Europa, América do Norte..., Ainda assim apresentamos momentos históricos para o país, como em 1891 que Mietta Santiago e Ivone Guimarães contestam a proibição que violava a constituição daquele ano e fazem esse protesto, justamente, indo praticar o voto, elas não conseguem efetivar seu voto na época mas alguns anos à frente na história, seguindo seus passos, em 1928, Celina Guimarães, entendendo como a lei estava sendo constituída efetua seu voto e é registrada como a primeira eleitora em Mossoró no Rio Grande do Norte, no mesmo ano, ainda no Rio Grande do Norte, mas na cidade de Lages, Alzira Soriano é a primeira mulher não só no Brasil mas na América Latina a ser eleita. O voto foi deferido a todas as mulheres no Brasil somente em 1934, quando Getúlio Vargas, promulga uma nova constituição que dá o direito do voto a todas as pessoas no Brasil. (BURIGO, 2020)

Cito ainda dois nomes marcantes na primeira onda dos feminismos no Brasil e que não tiveram o mesmo reconhecimento por questões raciais e sociais, (assim como em todas esferas do mundo comandado por homens brancos) e que merecem o mesmo lugar de destaque: Bertha Lutz e Antonieta de Barros. Bertha Lutz, mulher branca, ativista feminista, bióloga e política, detentora de recursos e meios para se deslocar e levar a sua voz a ser ouvida, foi redatora da carta dos direitos humanos, fez então parte da comitiva brasileira, foi uma peça fundamental nesse momento. Antonieta de Barros, mulher negra, revolucionária pelos direitos da população negra, ministrou cursos de alfabetização para adultos, escritora de livros, editora e publicadora de uma revista, foi ainda a primeira deputada estadual no estado de Santa Catarina e a primeira deputada federal negra do Brasil. (BURIGO, 2020)

Segundo Franchini (2017) a segunda onda do feminismo ficou conhecida como “o pessoal é político” e teve seu início em meados dos anos 50 se estendendo até meados dos anos 90 do século XX:

“Foi nessa época que foram iniciados estudos focados na condição da mulher, onde começou-se a construir uma teoria-base, uma teoria raiz

sobre a opressão feminina [...] se caracterizou por uma fase de luta por direitos reprodutivos e discussões acerca da sexualidade. É mais ou menos aqui que começa a distinção entre *sexo* e *gênero*, sendo que *sexo* passa a ser entendido como uma característica biológica; e *gênero*, como uma construção social, um conjunto de características e de papéis imposto à pessoa dependendo de seu sexo.“

O feminismo de segunda onda, migra então da noção de direitos para a noção de direitos e costumes, as mulheres agora não lutam somente pelo direito ao voto, mas por exemplo, o direito ao divórcio, direito ao salário igual pela mesma função, direito ao aborto... – que é um tema que vem sendo discutido até nos dias atuais – mas também a mudança nos costumes e cultura que é aquela ideia já citada aqui, de que mulheres são gente. São discussões que começam a expandir e ultrapassar o âmbito de direitos humanos básicos e entra no lugar de respeito mutuo e equalitário para os gêneros.

Nas palavras de Franchini (2017):

“Em termos de teoria, as feministas de segunda onda buscaram identificar a origem da condição feminina — por que somos oprimidas, e o que todas as mulheres do mundo têm em comum que justifique estarmos todas, coletivamente, em situação pior do que a dos homens, de forma geral? A resposta é o próprio sexo, a própria capacidade reprodutiva. A mulher desde sempre esteve atrelada, social e economicamente, à sua função reprodutiva, e o patriarcado, assim como o capitalismo, consiste essencialmente, também, na exploração dessa capacidade.”

A designação “*O pessoal é político*” vem, desses encontros e rodas de discussões femininas, onde se chegou à conclusão que a vida pessoal das mulheres também era assunto político, pois enquanto as mulheres sofressem opressão de seus pais, maridos, irmãos, tios... no âmbito familiar, ia ser muito difícil de organizar uma luta política feminista. Quando falavam dessa perspectiva já se tocava em assuntos como violência doméstica que é ainda um tema muito recorrente no mundo e principalmente no Brasil, dados publicados em novembro de 2020 expõem que mulheres são quase 67% das vítimas de agressão física no Brasil, e agora com agravantes como a pandemia, uma mulher é morta a cada 9 horas no nosso país. O pessoal sempre foi político para as mulheres, somente esses temas agora eram então abertos e expostos.

Essa onda ficou marcada por uma imagem muito famosa feminina Rosie The Riveter com a frase “*we can do it*” que também foi ressignificada com o tempo pelas mulheres como uma imagem de luta, pois quando ela foi criada – entre as duas primeiras ondas – aconteceram duas grandes guerras, então essa imagem foi criada nesse período pelo governo norte americano para incentivar as mulheres a entrarem na indústria armamentista, como os homens estavam na guerra, a mão de obra armamentista necessitava da força de trabalho então cria essa narrativa de que mulheres podem trabalhar (claro que essa imagem era válida para mulheres brancas, pois as mulheres negras sempre executaram o trabalho braçal em vários âmbitos da sociedade). Quando a guerra acaba e os homens voltam, essa imagem some dos holofotes e prontamente é substituída por imagens clássicas da mulher da década de 50, a dona de casa, comprando eletrodomésticos. Então depois da Rosie The Riveter surge a figura da Rainha do Lar, pois a produção que até então havia foco na guerra, é direcionada para eletrodomésticos e necessita de um comprador. Isso nos trás uma visão bem clara de quem produz a narrativa feminina e sobre o que as mulheres devem ou não desejar em cada período histórico, ou seja, os homens. (BURIGO, 2020)

A Jornalista Betty Friedan, observando todos esses acontecimentos e mudanças, escreve e publica um dos livros mais importantes do movimento que é “A mística feminina”, ele foi criado a partir de narrativas de mulheres que ela ouvia, (falamos de subúrbio americano, essa classe foi designada ao trabalho). Betty relata que existe uma pandemia entre as mulheres, sua pesquisa em meio as colegas de faculdade e de sua classe social, percebe que as mulheres estavam desenvolvendo doenças psicossomáticas, crises nervosas, de pânico, ansiedade... sem existir nenhum motivo aparente, pois de uma visão externa, essas mulheres tem tudo, família, dinheiro, ensino, enfim, uma vida perfeita. Friedan descobre através de suas análises que as doenças estavam sendo causadas por frustração de mulheres e meninas que cresceram com a narrativa “*we can do it*” e vão atrás de seus direitos e ensino na universidade e depois são convencidas que devem voltar ao seu lugar, que era na verdade em casa, cuidando de casa e da família. Existem narrativas e histórias que se criam para a vida das mulheres através da história que nem sempre, ou quase nunca, corresponde à verdade dessas mulheres, ou seja, essa leitura se dá pelo poder patriarcal que garante que os homens se mantenham no poder. Esse livro foi como um marco nesse período para legitimar que as vontades das mulheres, deviam respeito a elas mesmas e não ao que se é esperado e imposto por homens. (BURIGO, 2020)

Para Franchini (2017):

“As feministas de segunda onda foram as primeiras a apontar que, apesar de todas as diferenças entre todas as mulheres do mundo, ainda há algo que nos une a todas, indiscriminadamente: a opressão com base no sexo. Por conta disso, essas mulheres são as pioneiras na crítica à pornografia, e dão continuidade à crítica à prostituição (iniciada pelas marxistas e revolucionárias). Também não economizam palavras sobre a exploração da mulher via maternidade e via casamento, e o uso do estupro e da violência sexual enquanto ferramenta de manutenção do poder masculino.”

NÃO CONSEGUI COMPLETAR O TOPICO E OS OUTROS CAPITULOS, MAS ESPERO QUE A PROVA CONSIDERE O QUE FIZ ATÉ ENTÃO COM MUITO ESFORÇO PRA QUE EU POSSA FINALIZAR ESSA SEMANA ATÉ O EXAME.